

## 70 ANOS DA POESIA DE HILDA HILST

Em 1950, a jovem Hilda Hilst estreava na literatura com *Presságio*, a primeira das 26 obras líricas que publicaria, as quais a consagrariam como uma das mais instigantes autoras nacionais, reconhecida por uma linguagem lírica de elevado adensamento, pela erudição incontroversa que grassa amplamente nos reiterados processos intertextuais em sua obra, pela irreverência na abordagem dos gêneros literários, além da obsessiva reflexão sobre o próprio fazer poético no cerne de seu processo criativo. Desde então, vários foram os mecanismos de reconhecimento que sua obra auferiu, como os mais importantes prêmios literários do país, e os incontáveis estudos críticos dedicados a sua lírica.

Setenta anos após a publicação de seu primeiro livro, a suposta indiferença e o menosprezo na recepção de sua literatura, os quais lamentou durante toda sua vida, não se confirmou. Há algum tempo, a vasta obra de Hilst reivindicou um lugar consolidado entre os leitores das letras brasileiras, leitores esses que se deixam enredar tanto pelo fascínio inescapável da figura controversa e irreverente da autora, quanto pelo contato impactante com uma literatura única, singular, intensamente provocativa.

A propósito desse viés provocador e inusitado, é interessante lembrar que a polêmica sempre foi um elemento intrínseco a sua literatura, tendo sido objeto de impressões conflitivas desde suas primeiras aparições. A primeira crítica literária sobre Hilst, de Sérgio Buarque de Holanda<sup>1</sup>, publicada no *Diário Carioca* em 3 de dezembro de 1950 sob o nome de “Água no vinho”, já se constitui um exemplo do processo dinâmico, e, às vezes, contraditório com que os estudiosos abordaram sua obra. Na

---

<sup>1</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Água no vinho. In: PRADO, Antônio Arnoni. (Org.). *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 294-299. (Estudos de crítica literária II).

ocasião, Holanda saudava *Presságio* e conclamava a dicção fluida e simples do livro, em direção oposta às tendências austeramente sublimadoras da geração de 45. O crítico assinalava que no livro de Hilst, “nada deixa perceber que a autora deitou água no vinho para alcançar aquela graça feita de desenvoltura e limpidez, que tornam seu livro tão imediatamente acessível”. (HOLANDA, 1996, p. 297). No entanto, o crítico reavaliaria essa questão ao apresentar o livro seguinte da autora, *Balada de Alzira*, no mesmo *Diário carioca* em 31 de agosto de 1952. Nessa segunda crítica, Holanda aponta na poeta justamente elementos contrários ao de sua primeira abordagem, ao comentar que Hilst se apropriaria nessa obra de certos “processos que, bem explorados, parecem de molde a assegurar-lhe fácil êxito.” (HOLANDA, 1996, p. 536). De fato, apesar de a poeta ter renegado esses primeiros livros, a busca por um estilo mais elevado e de uma dicção alta que ali se mostrava, a acompanhariam nas obras vindouras, e acabariam por ser um dos traços mais emblemáticos de sua poética.

No entanto, Holanda não estava certo quando arrolou nesta segunda crítica a poesia de Hilst como pertencente à geração 45, fato que seria recorrente nas obras historiográficas, como se pode conferir na antologia de Milton de Godoy Campos<sup>2</sup>, na qual a autora é mencionada juntamente com a citação de dois de seus poemas. O tempo, no entanto, mostrou gradativamente que Hilst não se conciliava rigorosamente com nenhuma geração ou grupo estético, mas se constituía cada vez mais uma voz independente e singular, que demandava um leitor apurado e atento as suas sempre novas modulações. Sua voz autoral consolidou-se em um crescendo que, ao mesmo tempo em que se expandia nos três principais gêneros literários, emoldurava diálogos arrojados com artistas e pensadores, e confirmava a cada obra um processo dinâmico de formulações prolíficas e singulares, que tornaram impossível categorizá-la de maneira restrita.

---

<sup>2</sup> CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Clube de poesia, 1966. p. 114-115.

Diante de uma obra dessa envergadura, igualmente complexa e extensa, é natural que sua recepção tenha ocorrido de maneira bastante irregular. Se no início apresentava-se tímida e escassa, os últimos anos trouxeram a proliferação rápida e intensa dos estudos sobre a literatura hilstiana. Nesse sentido, é possível destacar especialmente as últimas duas décadas, como aponta o valioso levantamento dos estudos críticos sobre a autora realizado por Cristiano Diniz em 2018.<sup>3</sup> Até 2017, Diniz apontou para 1.263 referências de estudos sobre Hilda Hilst. Realizava-se assim, *post mortem*, o maior desejo de Hilst, ser lida e conhecida.

Mais especificamente em língua inglesa, importa salientar que em 2018 dois acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos marcaram uma orientação mais ampla da leitura da autora: a tradução pela Editora co.im.press de *Da morte. Odes mínimas* pela poeta uruguaia Laura Cesarco Eglin, tradução esta que, tendo sido agraciada em 2019 com o prêmio *Best Translated Book Award in Poetry* (pela *Three Percent* da Universidade de Rochester), contempla uma lacuna considerável entre seus leitores de língua inglesa, uma vez que seus poemas líricos ainda não haviam sido traduzidos para esta língua. No mesmo ano, foi lançado nesse país pela editora Palgrave Macmillan o primeiro livro de ensaios em inglês sobre Hilst, organizado por Adam Morris e Bruno Carvalho, propiciando a retomada de algumas discussões críticas sobre a obra lírica de Hilst, aqui em um prisma comparativista.

O dossiê *70 anos da poesia de Hilda Hilst* foi concebido com a intenção de retomar e revigorar a ideia de singularidade da obra literária da autora, ao revisitar sua literatura bem como os posicionamentos críticos que lhe foram dedicados, considerando os recentes horizontes de leitura e disposições teóricas. Assim, 70 anos após a estreia literária de Hilda Hilst, apresentou-se a oportunidade de a crítica dessa autora voltar o olhar para si mesma em um processo de autoanálise, e discutir as perspectivas que foram se consolidando e que merecem ser revisitadas, ou evocando novas

---

<sup>3</sup> DINIZ, Cristiano. *Fortuna crítica de Hilda Hilst: levantamento bibliográfico atualizado (1949-2018)*. UNICAMP/IEL/Setor de Publicações; UNICAMP/IEL/CEDAE, 2018.

indicações de interpretação, ou mesmo investigando com que forma a poeta continua dialogando com as pessoas de seu tempo sob novas claves do pensamento crítico. Nesse sentido, pode-se dizer que os artigos enviados a esse dossiê atenderam a essa solicitação. A obra de Hilst foi repensada em várias direções que revitalizaram algumas das abordagens imperativas na leitura da autora, ao mesmo tempo que foram apresentados vieses autorais que mereciam vir à tona com mais propriedade.

Para iniciar o dossiê, o artigo “As relações perigosas: as cinco elegias de Vinicius de Moraes e de Hilda Hilst”, de Elaine Cristina Cintra e Rivânia Maria da Silva, propõe uma comparação de um texto de Hilst não com autores anteriores a ela e de outras culturas, como a crítica da poeta já ressaltou profusamente, mas com um poeta brasileiro contemporâneo a ela. Neste ensaio, a seção “Cinco elegias” de *Roteiro de silêncio* (1959) de Hilst é cotejada com *Cinco elegias* (1943) de Vinicius de Moraes, mostrando os jogos de intertextualidade de Hilst, suas inovações, marcando assim um trajeto próprio mesmo partindo do diálogo com Moraes. Cintra e Silva mostram neste ensaio como no percurso pelas cinco elegias o ser poeta do eu lírico hilstiano constrói-se, reconstrói-se, sendo a poesia e a metapoesia o caminho atravessado.

Por sua vez, o artigo seguinte, “Filosofia do nome: a busca pela matéria em *A obscena senhora D*, de Hilda Hilst”, de Thaise Maria Dias e Pablo Vinícius Dias Siqueira, explora na autora sua complexidade de nomear e de escolher as palavras, mais especificamente, a profundidade dos nomes dos personagens nos textos de Hilda Hilst. Neste ensaio se examina o nome de Hillé, também Senhora D., Hilè, que entrelaçam-se com o nome da autora, Hilda. Para os autores, as capas de cada nome e os questionamentos de Hillé espelham o traço filosófico da escritura e o pensar de Hilst.

Em “Somos nós que morremos a morte: das odes mínimas”, Fernando Rocha também fala da importância dos nomes na poética de Hilst. No entanto, este ensaio enfoca-se no livro de poemas *Da morte. Odes mínimas*, destacando nele o mecanismo de nomear para poder conhecer melhor a morte, para transformá-la, possui-la e ser por ela possuída. Dessa

forma, é realçada a cosmogonia hilstiana da fluidez entre a vida e a morte, entre a morte e a poeta, entre os corpos, entre o espiritual e o material, e a fluidez do tempo.

O desejo, sem dúvida, elemento constante e imprescindível da construção poética hilstiana, se fará presente em alguns textos do dossiê. No artigo “Esse canto imantado: ascese e excesso na lírica de Hilda Hist”, Cleide Maria de Oliveira apresenta uma discussão sobre o canto amoroso na poesia de Hilda Hilst e seus desdobramentos em vieses místicos, especialmente nas publicações líricas da autora após a década de 1970. Oliveira propõe uma reflexão que indaga sobre a operação de deslizamento do influxo em sua poesia da tradição poética do amor cortês para outra alteridade, o elemento divino, que em sua lírica se apresenta tão ausente e distante quanto o humano. Dessa forma, o exercício de busca do sublime que acompanha a autora desde os primeiros livros encontrará respaldo em padrões de excesso ou loucura, e o canto amoroso de Hilst sempre será posto sob o arbítrio do desejo.

O desejo também é tema do texto de Ana Clara Medeiros, Francisco Lima Pereira e Magno da Guarda Almeida que se propõem a analisar em “O labirinto poético de Hilda Hilst em Júbilo, memória, noviciado da paixão: percurso lírico pelo corpo, tradição em odes descontínuas” a relação entre o corpo e o poema na lírica hilstiana. Para isso, os autores apontam os diálogos que a poeta estabelece com a tradição greco-latina, e com a tradição lírica que se refere à corporalidade. A discussão se situa em várias direções teóricas, que abrangem tantos pressupostos da Psicanálise, com os estudos do mito greco-latino, quanto à busca em referências biográficas das chaves de interpretação de alguns poemas de Hilst.

Por sua vez, em “Maldita ortodoxia!”, ou Ridendo Castigat Mores: o papel do narrador em *Bufólicas*, de Hilda Hilst”, Tatiana Zanirato discute o entrelaçamento entre palavra e desejo em *Bufólicas*, livro em que a expressão da sexualidade se pronuncia na constituição da escritura em um movimento de liberdade autoral e transgressões da tradição literária. Zanirato busca demonstrar que as personagens de *Bufólicas* representam alegorias de uma sociedade sem máscaras, desmitificando assim a

construção positiva dos contos de fada, hipótese que é discutida através da análise detalhada de algumas das escolhas linguísticas da autora, especialmente no que se refere à categoria do narrador, sobre a qual é proposta uma terminologia específica.

O dossiê se encerra com um artigo que traz uma visada diferente aos estudos dessa poeta. Assim como ler Hilda Hilst exige um leitor comprometido e cuidadoso, Hilst mesma era este tipo de leitora e a biblioteca de Hilst é testemunha disto. Em “Hilda Hilst leitora: uma introdução à biblioteca da Casa do Sol”, Aline Leal Barbosa não só nos apresenta a riqueza da biblioteca da Casa do Sol, senão que através dela nos permite ver Hilst como leitora—uma leitora ativa, que é atenta e crítica. Revela-se assim, Hilst escritora e artista, além dos seus mais de 40 livros autorais, já que ela desenhava, interpelava, e comentava todo o texto que lia. Também, ressalta-se a relação inextricável entre o modo de leitura e o modo de escritura de Hilst, pois Barbosa aponta como as leituras de Hilst aparecem de maneiras diferentes em seus próprios livros.

Além dos estudos relativos ao dossiê *70 anos da poesia de Hilda Hilst*, o volume também dispõe de dois artigos de tema livre que se voltaram para as concepções poéticas do século XX: “A influência ou ‘Os balcões sucessivos sobre o rio’, de Ruy Belo” e “Char, Michaux e as questões da poesia”. No primeiro, Ana Maria Pereira Soares analisa o processo de influência na poesia de Ruy Belo, que, aliás, foi uma das principais preocupações do autor tanto em sua produção artística quanto na sua reflexão teórica sobre poesia, ao deslindar a dimensão hipertextual no poema “Os balcões sucessivos sobre o Rio”, publicado no último livro do poeta, que evoca o romance de Augustina Bessa-Luís, *O manto*. A análise dos processos textuais que determina a relação entre os dois textos, considera que o hipotexto é essencial para iluminar alguns sentidos do poema de Ruy Belo, o que constituiria em si um segmento de seu projeto poético.

No artigo seguinte, “Char, Michaux e as questões da poesia”, Danielle Grace de Almeida revisa alguns autores franceses que repensaram a questão proeminente sobre a poesia como ato de resistência, mesmo

sem um posicionamento diretamente político, mas, como discutido em Rancière, no papel inevitável de interferir na construção da realidade em um mecanismo que regula o olhar sensível sobre a realidade. Dentro dessa perspectiva, o artigo se volta a verificar a questão na poesia de dois poetas franceses, René Char e Henri Michaux, poetas que, na Europa do século XX em cenários bastante turbulentos, colocaram sua literatura a serviço de uma reação incisiva às questões que se levantavam nesse contexto.

Assim, este volume da revista *Texto Poético*, que vem à luz em um tempo de grandes perdas humanas, se apresenta como um roteiro de leitura sobre os papéis de resistência da poesia em duas orientações: ora na linguagem transgressora e instigante de Hilst, cuja poética está sempre a desafiar seu leitor, que, ao ler e reler a autora e suas indagações filosóficas, literárias, poéticas sobre o desejo e o amor, a morte e inclusive as questões de gênero, continua a “ler” esta realidade que nos obriga a estar atentos, críticos e conscientes; bem como também nos dois artigos da seção livre, que apontam para as inúmeras possibilidades com que o texto poético se posiciona de maneira ativa e cabal na realidade, especialmente nos tempos sombrios da História.

Elaine Cristina Cintra\*  
Laura Cesarco Eglin\*\*  
**(Organizadoras de Dossiê)**

---

\* Professora na Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil.  
E-mail: elcintra@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5112-1377>

\*\* Professora Assistente no Simpson College, Iowa, Estados Unidos.  
E-mail: laura.cesarco@gmail.com